



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ENSINO - PROGRAD  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VIII – PAULO AFONSO-BA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**JOÃO PEDRO FEITOSA LIMA**

**A AUSÊNCIA OU PRESENÇA DO PROFESSOR HOMEM NA SALA DE AULA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Paulo Afonso - BA  
2025

**JOÃO PEDRO FEITOSA LIMA**

**A AUSÊNCIA OU PRESENÇA DO PROFESSOR HOMEM NA SALA DE AULA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao Colegiado de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) como exigência do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Alves França.

Paulo Afonso - BA  
2025

**JOÃO PEDRO FEITOSA LIMA**

**A AUSÊNCIA OU PRESENÇA DO PROFESSOR HOMEM NA SALA DE AULA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao processo de defesa como requisito parcial para obtenção do grau de  
Licenciado em Pedagogia.

**BANCA EXAMINADORA DE DEFESA**

---

Prof. Dr. Thiago Alves França  
Universidade do Estado da Bahia, *Campus VIII* – Paulo Afonso  
(Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elilia Camargo Rodrigues  
Universidade do Estado da Bahia, *Campus VIII* – Paulo Afonso  
(Parecerista)

---

Prof. Dr. Vinicius Silva Santos  
Universidade do Estado da Bahia, *Campus VIII* – Paulo Afonso  
(Parecerista)

Aprovado ( X )    Reprovado (   )

Paulo Afonso - Bahia  
2025

Dedico este trabalho a todos e todas docentes que já passaram pela experiência da sala de aula através do curso de Pedagogia.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço à Santíssima Trindade e a todas as intercessões espirituais que me auxiliaram ao longo desta jornada.

Dedico este trabalho, com profunda gratidão, à minha mãe, Adriana Feitosa Lima, que sempre acreditou em mim desde o início do curso, apoiou-me nos momentos difíceis e segurou minha mão nas ocasiões em que quase desisti. Minha eterna gratidão a essa mulher tão especial.

Agradeço também à minha melhor amiga, Rita de Cássia Ferreira dos Santos, que a vida me concedeu como uma irmã. Juntos, sobrevivemos a uma difícil pandemia, e sua base sólida e fraterna me encorajou do começo ao fim do curso. Minha eterna gratidão a essa grande mulher. Ao amigo e companheiro Marcelo Paulo Nascimento, que, apesar de ter chegado no finalzinho do curso, deixou uma marca eterna em minha vida pessoal e profissional. Meu sincero agradecimento.

Reconheço com carinho os amigos Thiego da Silva Barros, Lázaro da Conceição, Janailma Santos, Aurení de França Melo, Maria Aparecida Noia e Jailma Xavier, que foram fundamentais para minha formação pedagógica. Através da amizade de vocês, construí, me reinventei, desmoronei e me recompus diversas vezes, mas nunca parei. Pois o verdadeiro pedagogo jamais desiste.

Às amigas de turma, Alana Varjão, Bruna Damasceno, Fernanda Soares, Jaine Resende e Raizia Santos, com quem vivenciei tempestades difíceis ao longo de mais de quatro anos de convivência diária. Deixo meu agradecimento e carinho eternos. Que a gratidão que sinto ultrapasse o tempo e que o amor continue sendo nossa base.

Aos meus colegas e amigos de trabalho – Seu José Alves, Seu Antônio (Toinho), Íris Bezerra, Rodrigo, Maria Damiana, Cibelle, Paulo César, Pauliana, Sérgio, e tantos outros que não mencionei – deixo meu muito obrigado pela colaboração e pelo crescimento mútuo em nosso trabalho coletivo.

Sou grato também às minhas queridas professoras: Maria José da Silva (Mazé), Laís Lima, Elília Camargo, Ana Cristina Santos, Edjane, Cristiane Garcia, Eunice Maria, Viviane, Aurelina, Glaide Santa Sara, Jamile, Ana Márcia, Iolanda, Cristina e a todas as demais docentes que contribuíram para minha formação pedagógica com seus ensinamentos enriquecedores. Agradeço especialmente ao meu orientador, Thiago Alves França, por sua dedicação, apoio e

orientação durante toda a elaboração deste trabalho. Agradeço aos membros da banca examinadora, pela leitura e pelas contribuições.

Em memória, dedico minhas eternas saudades ao meu amigo Roberto Pereira Barros, à minha avó Marluce Feitosa Lima e à minha grande amiga Ivanilda Maria da Conceição, que sempre me acolheu como uma mãe e que agora não está mais entre nós. As lembranças de vocês serão eternas em meu coração.

Por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que, mesmo não mencionadas aqui, passaram por minha vida e fizeram parte desta caminhada. A você que lê estas palavras, meu sincero muito obrigado por participar da minha trajetória.

"A educação é o movimento das sombras para a luz; é a coragem de questionar o que parecia natural"

(Paulo Freire)

## **RESUMO**

Este trabalho busca compreender a baixa presença de homens na Educação Infantil, abordando os desafios enfrentados por educadores do sexo masculino e os estigmas sociais que dificultam sua inserção e permanência nesse espaço. Para tanto, parte-se tanto de uma revisão de literatura sobre a temática do homem atuando na pedagogia. Por meio desses dois objetivos – (i) bibliográfico e (ii) de campo – o estudo investiga como os papéis de gênero, historicamente construídos, impactam a atuação docente de homens na primeira infância. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados tanto a partir de uma pesquisa bibliográfica quanto de um estudo de caso, construído a partir de questionários e de entrevista. Os resultados revelam que, mesmo que o homem educador demonstre preparo, sensibilidade e compromisso pedagógico, ele é constantemente confrontado com olhares desconfiados, estigmas e questionamentos acerca de seu gênero em relação à sua atuação profissional. A pesquisa evidencia que, apesar dos avanços no debate sobre equidade de gênero, ainda há uma forte resistência cultural à presença do homem nos espaços de cuidado e educação das crianças pequenas, reforçando estereótipos que associam o cuidado exclusivamente ao feminino. O estudo conclui que é necessário ampliar as discussões sobre gênero e docência, promovendo ambientes mais inclusivos e livres de preconceitos, tanto nas instituições de ensino quanto na sociedade em geral.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Homens pedagogos. Gênero. Docência. Estigma.

## **ABSTRACT**

This study seeks to understand the low presence of men in Early Childhood Education, addressing the challenges faced by male educators and the social stigmas that hinder their entry and permanence in this field. To this end, the research is based on both a literature review on the subject and direct engagement with male pedagogues. Through these two objectives – (i) bibliographic and (ii) field-based – the study investigates how historically constructed gender roles impact the teaching performance of men in early childhood settings. The methodology adopted follows a qualitative approach, with data collected through both bibliographic research and a case study, constructed using questionnaires and interviews. The results reveal that even when male educators demonstrate competence, sensitivity, and pedagogical commitment, they are frequently confronted with suspicious looks, stigmas, and questions about their gender in relation to their professional performance. The research highlights that, despite progress in the debate on gender equity, there is still strong cultural resistance to the presence of men in spaces of care and education for young children, reinforcing stereotypes that associate caregiving exclusively with women. The study concludes that it is necessary to broaden discussions about gender and teaching, promoting more inclusive and prejudice-free environments, both within educational institutions and in society as a whole.

**Keywords:** Early Childhood Education. Masculinity. Gender. Teaching. Stigma.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	11
2.1 Metodologia referente ao primeiro objetivo .....	11
2.2 Metodologia referente ao segundo objetivo.....	12
3. DOCÊNCIA, GÊNERO E EXCLUSÃO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O LUGAR DOS HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	13
3.1 Homens na educação infantil: há espaço para eles? .....	15
3.2 Docência na educação infantil como direito de todos(as) .....	16
3.3 A importância do papel docente .....	17
4 ENTRE OLHARES E ESTIGMAS: PERCURSOS DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL ..	21
4.1 Respostas à questão 1 .....	21
4.2 Respostas à questão 2 .....	23
4.3 Respostas à questão 3 .....	24
4.4 Respostas à questão 4 .....	26
4.5 Respostas à questão 5 .....	29
4.6 Respostas à questão 6 .....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	34
APÊNDICE A: .....	37
APÊNDICE B: .....	38
APÊNDICE C .....	41
APÊNDICE D .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo compreende a baixa presença de homens na Educação Infantil, abordando os desafios enfrentados por educadores desse gênero e os estigmas sociais que dificultam sua inserção e permanência nesse espaço. Para alcançar tal tarefa, buscamos alcançar dois objetivos: o primeiro, que consiste em fazer um levantamento amplo da bibliografia produzida sobre o tema; e o segundo, que se caracteriza por investigar a temática partir de questionário e entrevista realizados com homens pedagogos que atuam ou tiveram vivências na Educação Infantil.

A composição do corpo docente da Educação Infantil, historicamente caracterizada pela predominância de professoras mulheres, tem sido objeto de estudos que abordam tanto as implicações sociais quanto pedagógicas dessa representatividade desigual. A ausência ou presença do professor homem nesse contexto educacional, ainda que muitas vezes minimizada, constitui, segundo acreditamos, uma questão relevante para a construção de uma educação mais plural e equitativa.

A discussão sobre o papel do homem na Educação Infantil envolve não apenas a reflexão sobre as representações de gênero no espaço escolar, mas também sobre as dinâmicas de aprendizagem, as influências no desenvolvimento infantil e os desafios enfrentados por esses profissionais em um ambiente tradicionalmente ocupado por mulheres.

De acordo com pesquisas contemporâneas (Silva, 2020; Martins, 2022), a presença do professor homem na Educação Infantil pode contribuir para a formação de perspectivas mais diversas sobre o que significa ser homem, quebrando estereótipos e oferecendo às crianças uma perspectiva mais ampla sobre os papéis sociais de gênero. Contudo, a escassez de professores homens nesta etapa de ensino aponta para a persistência de barreiras culturais, sociais e estruturais que limitam a inserção desses profissionais. A sociedade, ainda marcada por um processo de feminização das funções educativas, frequentemente, associa a figura do homem à educação superior e à Educação de Jovens e Adultos, desconsiderando suas contribuições potenciais no contexto infantil.

Considerando esse cenário, a questão norteadora do estudo é: *quais são os impactos da presença ou da ausência do professor homem na sala de aula da Educação Infantil, tanto no desenvolvimento das crianças quanto na percepção das famílias e da comunidade escolar?*

A escolha deste tema parte do interesse em compreender de que maneira o homem se insere no contexto da Educação Infantil, etapa historicamente marcada pela predominância de mulheres na docência. A motivação pessoal está relacionada à curiosidade em saber se a

presença do professor homem é capaz de ampliar perspectivas pedagógicas, contribuir para a quebra de estereótipos de gênero e enriquecer o processo formativo das crianças. Além disso, pretende-se refletir sobre como a ausência quase absoluta dessa presença pode impactar o desenvolvimento infantil e a construção social das identidades.

Apesar da crescente discussão sobre a igualdade de gênero no campo educacional, a presença do professor homem na Educação Infantil permanece um tema pouco explorado em profundidade nas produções acadêmicas, o que justifica este nosso trabalho. A escassez de pesquisas que abordem a inserção e o impacto do homem nesse contexto educacional evidencia a necessidade de uma investigação mais detalhada sobre as implicações dessa ausência e/ou presença, especialmente considerando as mudanças nas dinâmicas sociais e pedagógicas nas últimas décadas.

A pesquisa se justifica, portanto, pela relevância de se analisar as questões de gênero no contexto educacional, especialmente no que se refere ao papel dos professores homens na Educação Infantil. A presença de educadores de diferentes gêneros pode promover uma formação mais plural e enriquecedora para as crianças, que se beneficiam ao conhecer diversas formas de atuação e modelos de comportamento. Além disso, ao se abordar a construção de uma identidade pedagógica que transcende estereótipos de gênero, o estudo contribui para a reflexão sobre a formação docente, proporcionando aos futuros profissionais uma visão mais inclusiva sobre as práticas educacionais. No âmbito social, a pesquisa pode ajudar a desconstruir estigmas relacionados aos papéis de gênero, especialmente no que diz respeito à ideia de que a educação infantil é um espaço reservado para as mulheres, promovendo uma sociedade mais equitativa e plural. Esta pesquisa é também importante uma vez que abre um espaço de escuta para professores da região ou de regiões vizinhas, como explicaremos a seguir.

## **2. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 Metodologia referente ao primeiro objetivo**

Para atender ao primeiro objetivo, foi adotada uma abordagem qualitativa, ancorada em uma revisão de literatura que buscou compreender a presença e a ausência de professores homens na Educação Infantil. Os achados desta etapa são apresentados no tópico 3.

Esta parte da pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica criteriosa, com foco na produção acadêmica sobre a presença ou ausência de professores homens na Educação Infantil. A seleção dos materiais ocorreu em bases de dados como SciELO, Google Acadêmico e o repositório da CAPES, utilizando os descritores: “educação infantil”,

“professores homens”, “gênero” e “identidade”. Foram incluídos artigos, dissertações e livros publicados entre 2010 e 2024, com ênfase em textos que discutem a construção de identidades de gênero e práticas pedagógicas no contexto da Educação Infantil.

A seleção dos textos seguiu três etapas metodológicas. Na primeira etapa, realizou-se a combinação dos descritores nas bases de dados mencionadas. Na segunda, aplicaram-se os filtros: disponibilidade de texto completo, idiomas especificados e recorte temporal (2010-2024). Por fim, na terceira etapa, procedeu-se a leitura integral dos textos, analisando a aderência ao tema e aplicando os critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos os trabalhos que abordavam diretamente a temática proposta e que apresentavam resultados consistentes; foram excluídos textos incompletos, estudos em andamento ou fora do escopo da pesquisa.

Essa revisão teórica possibilitou a construção de um panorama amplo sobre as práticas pedagógicas e as representações sociais relacionadas à presença de homens na Educação Infantil, além de favorecer uma reflexão crítica sobre a formação da identidade de gênero das crianças no contexto escolar (Louro, 1997; Scott, 1995; Sousa, 2021).

## **2.2 Metodologia referente ao segundo objetivo**

O segundo objetivo da pesquisa envolveu a coleta de dados empíricos por meio de fontes escritas e orais, buscando compreender como a presença do homem é percebida no cotidiano da Educação Infantil.

A fonte escrita consistiu em um questionário semiestruturado, composto por seis perguntas abertas, elaborado com base nas categorias analisadas durante a revisão de literatura. O questionário foi aplicado a um grupo de informantes composto por dois professores atuantes na Educação Infantil e um estagiário que tem formação acadêmica em História. A seleção dos informantes se deu por amostragem intencional, considerando profissionais com experiência ou envolvimento direto na docência da primeira infância.

Chamamos os informantes de Pessoas, identificados ao longo deste tópico como Pessoas 1, 2 e 3.

A Pessoa 1 atua como estagiário do curso de pedagogia, porém já tem graduação acadêmica em História. A Pessoa 2 é um professor atuante na sala de aula da Educação Infantil. A pessoa 3 é professor e atua em sala de aula na Educação Infantil.

Em dois casos, Pessoas 1 e 2, as respostas foram fornecidas por escrito e analisadas por meio de categorização temática, com o objetivo de identificar percepções, experiências e possíveis resistências à inserção de homens nessa etapa educacional.

Além dos questionários, em um caso específico, o da Pessoa 3, foi realizada uma entrevista individual, com um professor homem regente de turma na Educação Infantil, vinculado a um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) localizado no município de Delmiro Gouveia, no estado de Alagoas. A entrevista foi do tipo semiestruturada e conduzida com autorização prévia do participante.

As seis perguntas que compuseram o questionário e a entrevista podem ser vistas na seção pós-textual, em Apêndices, além de serem mencionadas também no tópico 4 e nos subtópicos correspondentes.

### **3. DOCÊNCIA, GÊNERO E EXCLUSÃO: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O LUGAR DOS HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A temática é uma problematização da situação atual de vários professores homens na Educação Infantil sob a perspectiva das relações de gênero, entendidas como relações de poder, assumindo o gênero como primeiro marcador de identidade. Na situação específica de interesse desta proposta de pesquisa, o homem é “excluído”, sendo “impedido” de ocupar o papel de educador infantil (Campos, 2022).

A educação infantil, como primeira etapa da educação básica, é responsável não apenas por oferecer cuidados e conteúdos pedagógicos, mas também por atuar como um campo em que as primeiras noções de gênero são internalizadas. A educação infantil, ao ser um espaço de socialização, transmite valores, e muitas vezes essas mensagens estão imbuídas de conceitos rígidos sobre o que é ser menino ou menina, perpetuando, assim, as desigualdades entre os gêneros (Fagot; Leinbach, 1995). A divisão de papéis, de acordo com o sexo/gênero, faz com que a escola, muitas vezes, reforce normas e expectativas comportamentais que são tradicionalmente atribuídas a cada gênero, limitando a liberdade de expressão e a construção de uma identidade de gênero plural e diversificada (Butler, 1990).

A presença majoritária de mulheres na docência da Educação Infantil também representa uma barreira significativa quando se trata da construção de uma prática pedagógica que desfaça os estereótipos de gênero. O Censo Escolar de 2020 aponta que apenas 3,6% dos professores da Educação Infantil no Brasil são homens (MEC, 2020), o que ilustra a persistência de uma visão que associa o cuidado e a educação das crianças às mulheres. A sub-representação masculina reflete um estigma cultural que considera a docência infantil como uma extensão do papel materno, algo intimamente ligado a mulheres, o que resulta na marginalização dos homens desse campo de atuação (Connell, 2005). Esse cenário é ainda mais problemático, pois

a presença reduzida de educadores do sexo masculino em espaços dedicados ao cuidado e à educação infantil contribui para a perpetuação de uma sociedade que, muitas vezes, não reconhece a importância da diversidade de gênero no exercício da profissão docente, limitando a possibilidade de desenvolvimento de novas identidades e práticas educativas.

Além disso, a inserção de homens na Educação Infantil gera um conjunto de desafios relacionados à desconfiança e à resistência cultural. Mesmo com a qualificação profissional adequada, muitos educadores homens enfrentam um processo contínuo de comprovação de sua idoneidade, competência e, especialmente, de sua sexualidade. A desconfiança em relação à atuação de homens no ensino infantil está relacionada ao medo infundado de comportamentos inadequados ou até mesmo abusivos, um reflexo da construção social que associa a masculinidade à violência e à agressividade (Ramos, 2017). Para muitos educadores, essa situação implica um processo de "provação", no qual são constantemente desafiados a demonstrar que sua presença na Educação Infantil não representa um risco para as crianças. A estigmatização da docência masculina nesse campo não apenas desvaloriza a competência profissional desses indivíduos, mas também reforça a ideia de que a educação infantil é um espaço exclusivamente feminino, perpetuando uma desigualdade que reflete a estrutura de gênero da sociedade (Hentges, 2015).

A questão da discriminação de gênero na Educação Infantil também se manifesta nas práticas pedagógicas cotidianas, nas quais meninos e meninas são frequentemente encorajados a adotar comportamentos e interesses que se alinham aos papéis de gênero tradicionalmente atribuídos. Por exemplo, atividades como brincadeiras de casinha, que são comumente direcionadas às meninas, e esportes, frequentemente incentivados aos meninos, são práticas que reforçam e perpetuam esses estereótipos desde os primeiros anos de vida (Rosa, 2012). Essas divisões de gênero não apenas limitam o repertório de experiências das crianças, mas também contribuem para a construção de uma sociedade onde as diferenças de gênero são vistas como naturais e imutáveis, e onde as crianças têm pouco espaço para explorar e expressar suas identidades de forma livre e criativa (Gil, 2013).

Importante ressaltar que a abordagem das relações de gênero na Educação Infantil precisa ser entendida como um problema a ser resolvido por meio da desconstrução dos estereótipos de gênero e da promoção de uma educação mais inclusiva e equitativa. A presença de educadores homens, longe de ser um fator marginal, deve ser vista como uma oportunidade para a construção de novas formas de manifestação de masculinidade e feminilidade, que não se baseiam em estereótipos rígidos e discriminatórios. Nesse sentido, as políticas públicas e os currículos educacionais devem ser orientados para a promoção da equidade de gênero,

incentivando tanto a inclusão de mais homens na docência da Educação Infantil quanto a criação de ambientes que permitam o desenvolvimento de identidades de gênero plurais e diversas (Silva, 2020).

O desafio é criar uma Educação Infantil que seja capaz de formar indivíduos conscientes das desigualdades de gênero e das suas implicações, proporcionando, assim, uma educação verdadeiramente transformadora. Isso implica em repensar as práticas pedagógicas, criando um ambiente inclusivo que valorize a diversidade e incentive o respeito mútuo desde os primeiros anos de vida (Coutinho, 2019).

### **3.1 Homens na educação infantil: há espaço para eles?**

A partir do conceito de masculinidade hegemônica proposto por Connell (2005), os estudos de gênero têm se dedicado a uma análise crítica da masculinidade dominante, imposta socialmente, contrapondo-a ao reconhecimento das diversas formas de masculinidades. Argumenta-se que a masculinidade hegemônica adota uma perspectiva essencialista, que não leva em consideração a diversidade dos homens, suas diferentes classes sociais, etnias, orientações sexuais, contextos geográficos e históricos. Nesse sentido, é necessário refletir sobre as singularidades dos sujeitos, sem reduzir as múltiplas formas de ser e estar no mundo dos homens a um único modelo, que não corresponde à realidade prática. Assim, é inadequado generalizar que todos os homens sejam grosseiros, agressivos ou potenciais abusadores sexuais. Embora essas características tenham sido atribuídas aos homens de maneira generalizada ao longo da história, de forma irresponsável e superficial, com reflexos prejudiciais, inclusive na vida social e na educação, principalmente em relação aos meninos, tal visão não corresponde à diversidade da experiência social dos homens.

No contexto da Educação Infantil, por exemplo, um campo profissional que tem sido tradicionalmente ocupado por mulheres, os homens frequentemente são vistos como sujeitos "fora do lugar", conforme evidenciado por pesquisas de Cardoso (2004), Araújo (2006), Silva (2015), Lopes (2015), Ramos (2017), Santos (2020) e Ferreira (2020). Esses estudos indicam que o sentimento de inadequação experimentado por homens nesse contexto surge tanto pela predominância feminina no ambiente de trabalho quanto pelas atitudes de colegas de trabalho e familiares das crianças, que, por preconceito, os consideram inadequados para a função, simplesmente por serem homens, rotulando-os como figuras perigosas. O preconceito se agrava no caso dos homens que não são heterossexuais, como os gays, e também com transexuais ou indivíduos com outras identidades de gênero (Rosa, 2012; Gil, 2013).

Além disso, existe um problema substancial relacionado à violência masculina, tanto física quanto simbólica, que não afeta apenas as mulheres (comportamentos como abuso, agressão, estupro e feminicídio), mas também os próprios homens, que frequentemente entram em conflitos violentos entre si e representam a maior parte da população carcerária (Carvalho, 2015). A violência de gênero envolve, ainda, a violência sexual, frequentemente cometida por homens, inclusive contra crianças (Carvalho, 2022). Contudo, é importante frisar que a violência não é uma característica natural, mas uma construção cultural e gentrificada, um comportamento aprendido. Isso implica reconhecer que os homens não são violentos por natureza, mas que, desde a infância, aprendem que a violência é uma prática aceitável, muitas vezes até legitimada e naturalizada pela sociedade.

Assim, considerando que a docência na Educação Infantil foi historicamente construída como um campo feminino, feminilizado e associado a atributos tidos como femininos (Yannoulas, 2011), torna-se possível desconstruir essa visão e promover uma reconfiguração do ambiente educacional sob a ótica da equidade de gênero. Nesse processo, a presença de homens que não se alinham à masculinidade hegemônica, mas que abraçam masculinidades plurais, é essencial para transformar essa realidade.

### **3.2 Docência na educação infantil como direito de todos(as)**

De acordo com dados do Censo Escolar de 2020, disponibilizados pelo INEP, dos 593.087 docentes da Educação Infantil no Brasil, apenas 3,6% são homens (MEC, 2020). Esses números confirmam que, embora ainda representem uma minoria, tem ocorrido a inserção e a permanência de homens no ensino infantil, desafiando a ideia historicamente consolidada de que essa etapa educacional é um espaço reservado exclusivamente às mulheres. Nesse contexto, a presença de professores homens pode ser vista como uma subversão, uma vez que eles reivindicam o direito de ocupar um novo espaço dentro das dinâmicas de gênero, rompendo com o imaginário coletivo que associa a docência na Educação Infantil a uma profissão feminina por excelência.

Embora, por um lado, essa subversão possa gerar estranhamentos, estereótipos e estigmatizações, por outro, tem produzido experiências e práticas bem-sucedidas de professores homens no ambiente escolar, sendo reconhecidas positivamente por toda a comunidade, especialmente quando há oportunidade de se conhecer e valorizar essas práticas (Sostisso, 2013). Estudos que investigam os impactos da presença de docentes homens na Educação Infantil têm revelado a heterogeneidade desse grupo, composto por sujeitos que não se conformam aos estereótipos tradicionais de masculinidade (Bello *et al*, 2020). Dessa forma,

novas expressões de masculinidade, mais diversas e plurais, começam a se inserir nas escolas e na sociedade como um todo.

O processo de formação profissional de educadores, tanto homens quanto mulheres, por meio dos cursos de licenciatura em Pedagogia, pode desempenhar um papel fundamental na desconstrução da ideia equivocada de que o gênero deve ser um fator determinante para o exercício da profissão docente. A formação acadêmica configura-se, assim, como um instrumento essencial na construção da prática pedagógica na Educação Infantil. Nesse sentido, contribui para a problematização e redução dos preconceitos relacionados à presença de professores homens nesse campo, ajudando a romper com a visão historicamente estabelecida (Hentges, 2015; Coutinho, 2019; Barboza, 2020).

A atuação de homens como educadores e cuidadores de crianças pequenas oferece a elas a oportunidade de conviver com representações de masculinidade diversas, que estão distantes da masculinidade hegemônica, tradicionalmente associada à agressividade, impulsividade e à incapacidade de cuidar. Nas instituições de Educação Infantil, a presença de docentes homens possibilita a construção de novas representações de masculinidade e feminilidade, além de fomentar relações mais humanizadas. Esse processo contribui para a mudança da divisão sexual do trabalho e para a diminuição das desigualdades de gênero, com efeitos positivos na formação das identidades de meninos e meninas (Silva, 2020). Diante disso, para Sayão (2005, p. 192-193),

A atuação de homens no cuidado das crianças pequenas parece ampliar a concepção do gênero, porque confere outros sentidos à ideia reducionista de papéis/funções específicas para homens e mulheres posto que docentes podem exercer o papel ou a função maternal, ampliando-a para a compreensão dos diferentes modos pelos quais o gênero opera estruturando o social e com isso ressignificando a fixidez de tais papéis e funções.

A presença de professores homens na Educação Infantil oferece a oportunidade de romper com padrões de violência e desigualdade que são culturalmente naturalizados. Trata-se de promover uma educação emancipatória para as crianças pequenas, fundamentada na diversidade de oportunidades tanto para homens quanto para mulheres que aspiram à docência. Essa abordagem busca assegurar práticas pedagógicas profissionalmente qualificadas, diversas e livres de estereótipos.

### **3.3 A importância do papel docente**

Os professores reconhecem a relevância de seu papel na Educação Infantil, especialmente no que tange à promoção de mudanças nos papéis de gênero. Ao assumirem uma

função tradicionalmente associada às mulheres, eles buscam evitar a reprodução de estereótipos de gênero, ensinando às crianças que não existem atividades ou características exclusivas para meninos ou meninas.

Diante disso, foram buscados, na literatura, artigos com estudos de campo que enfatizassem sobre a condição docente na Educação Infantil sob a ótica das relações de gênero. Em um desses artigos, dois professores homens, atuantes na Educação Infantil, foram entrevistados acerca da influência do gênero na formação das identidades. Vejamos:

Nesse momento [atualmente] é hora de quebrar alguns tabus. Por exemplo, eu me vejo importante nesse sentido porque eu me vejo como participante ativo para tirar das cabeças das pessoas, das famílias, que eu também posso fazer a mesma coisa, né? Que essa questão de dividir professor homem, professora mulher, coisa de menino, coisa de menina, tem coisas que podem ser tiradas na infância. A criança pode ser criança normalmente brincando com o que ela quiser. Ela pode pensar o que ela quiser, né? Então, eu me vejo assim com o papel importante de trazer também essa mudança de que todos são importantes, inclusive o próprio homem (Plínio, entrevista em 26/1/2022).

O fato de eu trabalhar numa comunidade da zona rural, eu acredito que essa questão de gênero por parte deles, eles já chegam com a mentalidade “isso é de menino e isso é de menina”, e eu estou ali para estar dando um suporte para eles, para eles saberem que não existe o que é de menino e o que é de menina. Pela nossa trajetória, o pessoal vê muito, nessa etapa da Educação Básica, a questão do gênero feminino, que as pessoas buscam muito essa questão, porque tem que ser mulher, porque tem que ter o formato da mãe, esse modo de cuidar... e nunca imaginam que isso possa acontecer também com o homem, você está entendendo? (Fernando, entrevista em 6/1/2022).

Demonstrando uma postura crítica e consciente em relação à sua prática pedagógica, conforme destacado por Sostisso (2013), Plínio e Fernando afirmam que são plenamente capazes de desempenhar as mesmas funções que uma mulher no contexto da docência infantil, sublinhando o valor de sua atuação profissional na Educação Infantil.

Segundo Hentges (2015), a presença de educadores homens nesse contexto é fundamental para desconstruir estereótipos de gênero, ampliando a diversidade de modelos de identidade que as crianças podem vivenciar. Plínio ressalta que "todos são importantes, inclusive o próprio homem", no processo educativo das crianças, evidenciando a importância de uma abordagem inclusiva que não limite o exercício da profissão ao gênero feminino, como historicamente tem ocorrido (Coutinho, 2019).

Além disso, ambos reconhecem que sua influência na transformação cultural das relações de gênero ultrapassa o ambiente escolar, estendendo-se às famílias dos alunos. Esse ponto está alinhado com as reflexões de Fialho (2019), que considera a educação como uma ferramenta fundamental para a mudança das dinâmicas de gênero tanto no contexto escolar

quanto nas relações familiares e sociais. A relevância política da presença de homens na Educação Infantil se evidencia quando seus impactos vão além dos limites da escola. Assim, esses educadores possibilitam novas formas de interpretação do mundo e de construção de relações e identidades de gênero, desafiando os papéis sociais rígidos e proporcionando um modelo de aprendizagem mais inclusivo e plural (Bello *et al*, 2020).

A relevância política da presença de homens na Educação Infantil se evidencia quando seus impactos vão além dos limites da escola. Ao desafiar a norma que determina quem pode ou não atuar como docente na Educação Infantil, esses educadores estão cientes de sua contribuição para ampliar as perspectivas das crianças, das famílias e da comunidade escolar.

### *3.4 Quebrando barreiras: desafios, estigmas e resistências à presença de homens na Educação Infantil no Brasil*

A análise dos estudos revela que a Educação Infantil é uma etapa fundamental para a formação da identidade de gênero das crianças, pois é nesse momento que elas começam a internalizar valores, comportamentos e expectativas sociais. Nesse sentido, a presença de modelos diversos de cuidado, incluindo homens, pode ser essencial para a quebra de estereótipos. Souza (2022), ao discutir os desafios enfrentados pelos professores homens na Educação Infantil, destaca que esses profissionais frequentemente precisam justificar sua presença nesse espaço, o que demonstra o quanto o campo ainda está enraizado em uma lógica de gênero excludente.

Além disso, é importante considerar que a resistência à presença masculina na Educação Infantil não parte apenas de famílias ou da sociedade, mas também da própria estrutura escolar. Em muitos casos, gestores e colegas de trabalho reproduzem estigmas, associando o cuidado infantil à figura materna, como discutem Cardial (2022) e Campos (2022). Isso acaba criando um ambiente hostil para o profissional homem, o que pode acarretar sua evasão da área e, conseqüentemente, a perpetuação da desigualdade de gênero nesse campo profissional.

Outra questão abordada nos estudos diz respeito ao papel do currículo escolar na reprodução de normas de gênero. Kubillus e Altmann (2014) observam que a ausência de conteúdos e práticas pedagógicas que questionem a naturalização das diferenças entre meninos e meninas reforça o binarismo de gênero. Assim, é urgente que os currículos contemplem uma abordagem crítica, que permita às crianças questionarem o que lhes é ensinado sobre masculinidade, feminilidade e papéis de gênero. Essa formação crítica deve ser também parte da formação inicial e continuada dos professores, para que estes não reproduzam, mesmo que involuntariamente, os estereótipos que pretendem combater.

A pesquisa de Franco (2021) traz uma contribuição importante ao enfatizar a necessidade de espaços de escuta e diálogo dentro da escola. As autoras demonstram que o silêncio em torno das relações de gênero contribui para a manutenção de desigualdades, pois impede que questões fundamentais sejam discutidas. A escola, nesse contexto, não pode se limitar a ser um espaço de transmissão de conteúdos, mas deve ser compreendida como um ambiente de formação cidadã, no qual as diferenças são respeitadas e os sujeitos podem se expressar livremente.

Em consonância com essa perspectiva, Santos (2015) argumenta que repensar o papel da escola na construção de uma sociedade menos binária exige uma mudança profunda na forma como o gênero é compreendido pelas instituições educacionais. Para a autora, é preciso promover uma pedagogia que não apenas inclua, mas que valorize a diversidade de expressões de gênero. Isso significa, por exemplo, não associar automaticamente determinadas brincadeiras, cores ou comportamentos a um gênero específico, permitindo que as crianças explorem suas identidades sem restrições impostas socialmente.

A abordagem interseccional também se faz necessária para aprofundar a discussão. As relações de gênero não ocorrem isoladamente, mas se cruzam com outras dimensões como raça, classe social e orientação sexual. Assim, meninos negros, por exemplo, podem enfrentar estigmas interseccionais em relação ao cuidado e à afetividade, sendo vistos como menos aptos ou como potenciais “ameaças” em espaços de educação infantil. Essa realidade exige que as políticas públicas e os projetos pedagógicos considerem as múltiplas camadas de desigualdade que atravessam a experiência educacional, como enfatizam os estudos recentes na área de Sociologia da Educação.

Por fim, ao observar o conjunto dos estudos, torna-se evidente que as relações de gênero na Educação Infantil não podem ser tratadas de forma superficial ou meramente simbólica. Trata-se de uma temática estrutural, que atravessa todas as dimensões do fazer pedagógico – da formação dos professores à organização dos espaços, da escolha dos materiais didáticos às relações interpessoais na escola. Investir na formação docente crítica, promover a inclusão de professores homens, revisar currículos e abrir espaços de escuta para crianças e educadores são medidas indispensáveis para promover uma educação infantil verdadeiramente transformadora, na qual todas as identidades sejam respeitadas e valorizadas.

## **4 ENTRE OLHARES E ESTIGMAS: PERCURSOS DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Neste tópico, apresentamos as respostas coletadas da pesquisa de campo realizada para este estudo, através da realização de questionários e entrevista, e também compartilhamos as análises feitas a partir desse material.

### **4.1 Respostas à questão 1**

*Na sua compreensão, ainda persiste, em nossa sociedade, a crença de que determinados papéis ou funções devem ser exercidos exclusivamente/preferencialmente por homens ou por mulheres? Em caso afirmativo, como você avalia isso?*

(PESSOA 1) Essas atribuições profissionais foram construídas historicamente por meio de estereótipos, os quais forjaram a imagem da mulher enquanto vulnerável, sensível, irracional com perfil orientado ao cuidado e ao zelo. Ao contrário, a imagem do homem foi construída através da conjunção de estereótipos como força, racionalidade, inteligência, brutalidade e dominação.

(PESSOA 2) Desde os primórdios, a sociedade buscou estruturar seus arranjos sociais com base em uma divisão de funções fortemente influenciada pelo gênero. Atividades que exigiam força física, provisão de recursos ou ocupação de cargos de liderança foram historicamente atribuídas aos homens, enquanto os cuidados com o lar e a educação dos filhos recaíam quase exclusivamente sobre as mulheres.

(PESSOA 3) Algumas pessoas ainda têm essa visão. Mas, hoje, nós homens, que estamos aqui na educação tivemos, de início, um certo preconceito em relação aos olhares de pais e familiares mas, ao decorrer do ano letivo, se normalizou e, hoje, somos vistos, ainda assim, como uma figura que, às vezes, deixa a desejar na visão dos familiares.

As falas das Pessoas 1, 2 e 3 revelam um consenso importante: ainda persiste, na sociedade atual, a crença de que certos papéis ou profissões devem ser exercidos com base no gênero. Embora cada participante aborde o tema por diferentes ângulos – histórico, simbólico ou vivencial – há uma clara percepção de que essa divisão de funções é socialmente construída e continua operando como uma força limitadora das escolhas e presenças dos sujeitos, especialmente em espaços como a Educação Infantil.

A pessoa 1 oferece uma resposta densa e conceitual, abordando os estereótipos de gênero como construções históricas que moldam expectativas sociais. A fala diferencia nitidamente os atributos socialmente impostos às mulheres (sensibilidade, irracionalidade, fragilidade) e aos homens (força, brutalidade, inteligência, dominação). A partir dessa lógica, fica evidente por que determinadas profissões são socialmente legitimadas por um gênero em detrimento de outro. Essa resposta mostra que os estigmas não apenas organizam o mercado de

trabalho, mas modelam subjetividades desde a infância, sustentando desigualdades simbólicas e materiais.

A pessoa 2 complementa essa visão ao traçar uma linha entre o passado e o presente, enfatizando que a sociedade foi historicamente estruturada por uma divisão funcional baseada no gênero. Atribuições como a liderança, a provisão e o trabalho físico sempre foram associadas aos homens, enquanto as tarefas de cuidado, educação e manutenção do lar recaíram sobre as mulheres. A fala reforça a naturalização dessas divisões como parte do imaginário coletivo, apontando que a continuidade dessa lógica impede transformações mais profundas nos espaços institucionais, como a escola.

Já a pessoa 3 contribui com uma dimensão mais vivencial, revelando como essa crença ainda se manifesta na prática, mesmo que de forma sutil. Ao relatar que os homens na Educação Infantil sofrem com “olhares” e percepções de desconfiança por parte de pais e familiares, a resposta demonstra que, ainda que o espaço profissional esteja parcialmente ocupado por homens, sua presença continua marcada pela suspeita ou deslegitimação. A expressão “figura que, às vezes, deixa a desejar” é especialmente reveladora, pois aponta que a desconfiança não está necessariamente em comportamentos concretos, mas em um julgamento prévio, fundado em crenças de gênero arraigadas.

As três falas analisadas encontram forte ressonância com os autores do referencial teórico adotado nesta pesquisa. Scott (1995), ao definir gênero como uma forma de organização social baseada em relações de poder, ajuda a compreender que a ideia de que certos papéis cabem a homens e outros a mulheres não é natural, mas sim produzida e mantida historicamente como ferramenta de hierarquização social. As respostas da Pessoa 1 e Pessoa 2 ilustram exatamente essa noção, ao apontarem que as desigualdades de acesso e permanência em determinados espaços resultam de estereótipos internalizados e reproduzidos por gerações.

Louro (1997) reforça essa leitura ao defender que o gênero é apreendido, aprendido, performado e reforçado por instituições como a escola, a família e os meios de comunicação. A fala da Pessoa 3 é especialmente interessante à luz de Louro (1997), pois mostra que mesmo quando homens transgridem essa norma e adentram espaços tradicionalmente femininos, são constantemente lembrados de que ali não é seu “lugar natural”, sendo vigiados, questionados ou desvalorizados subjetivamente.

Além disso, as contribuições de autores como Nascimento (2001) e Silva (2020) ajudam a entender por que a presença masculina na Educação Infantil ainda é vista com estranhamento: trata-se de um corpo que rompe com a lógica da feminização do cuidado, e, por isso, tensiona valores profundamente enraizados na sociedade.

## 4.2 Respostas à questão 2

*Você percebe uma diferença numérica no que diz respeito à atuação de mulheres e homens na sala de aula da Educação Infantil? Em caso afirmativo, pra você, por que essa diferença ocorre?*

(PESSOA 1) Primeiro, a construção histórica sobre as profissões que são atribuídas ao homem ou a mulher, em função dos estereótipos atribuídos a cada um desses sujeitos históricos. Segundo, observo que o mercado de trabalho, orientado segundo a construção histórica mencionada, disponibiliza mais oportunidades de trabalho para a atuação das mulheres na Educação Infantil, uma vez que neste ciclo de formação as crianças necessitam de uma figura que proporcione o cuidado e acolhimento, atributos normalmente associados ao gênero feminino. Portanto, considero que a presença das mulheres seja maior do que a dos homens na Educação Infantil.

(PESSOA 2) Esses números refletem uma realidade concreta — o afastamento masculino de um espaço historicamente associado ao cuidado básico, às brincadeiras e, por muito tempo, à desvalorização profissional. Antes de a educação infantil ser reconhecida como uma etapa obrigatória da educação básica, eram escassas as propostas de formação voltadas para aqueles que atuavam diretamente com a primeira infância. Essa lacuna contribuiu para a construção de uma visão social equivocada: a de que educadores da educação infantil não necessitavam de formação específica, bastando possuir habilidades de cuidado — frequentemente atribuídas às mulheres por uma suposta inclinação natural à maternidade.

(PESSOA 3) Isso ocorre por parte do preconceito de alguns homens. Estamos no século XXI, mas ainda temos alguns que vivem naquele sistema de machismo, que o homem trabalha com tal função, tal funções, na verdade e as mulheres com suas funções. Então, a gente ainda sofre esse preconceito. Não tão brusco como antigamente, mas ainda sofremos.

As três respostas obtidas convergem ao reconhecer que há, de fato, uma disparidade significativa entre a presença de homens e mulheres na Educação Infantil. Cada participante, no entanto, mobiliza argumentos distintos para justificar essa desigualdade, o que enriquece a análise e evidencia a complexidade do fenômeno.

A primeira resposta atribui essa diferença à "divisão sexual do trabalho", conceito importante para compreender como determinados papéis sociais foram historicamente construídos com base no gênero. O entrevistado reconhece que, socialmente, espera-se das mulheres atitudes relacionadas ao cuidado e ao acolhimento, o que favorece sua presença na Educação Infantil, enquanto aos homens são atribuídas funções associadas à força e à racionalidade, afastando-os dessa etapa da educação. Essa resposta dialoga diretamente com a teoria de Scott (1995), ao apontar que o gênero é uma forma de dar significado às relações

sociais a partir das diferenças percebidas entre os sexos. A organização do trabalho segundo o gênero é uma construção histórica, e não uma consequência natural.

A segunda resposta complementa essa análise ao trazer a própria experiência como coordenador pedagógico, revelando que, entre os profissionais da unidade em que atua, apenas dois homens compõem a equipe. O entrevistado associa essa ausência masculina à construção de um imaginário social que desvaloriza a atuação docente na primeira infância e associa essa função a qualidades supostamente "naturais" da mulher, como a maternidade. Essa percepção está em sintonia com os estudos de Louro (1997), que apontam como os discursos sobre o feminino e o masculino delimitam lugares simbólicos e institucionais para homens e mulheres. Além disso, o depoente destaca a ausência histórica de formação específica para atuar com a infância, o que também contribuiu para manter a mulher nesse espaço de cuidado.

Já a terceira resposta aborda a questão de forma mais subjetiva, atribuindo a diferença numérica ao preconceito de outros homens, que não se sentem à vontade para ocupar funções tradicionalmente femininas. Essa fala traz um dado relevante, pois aponta que a ausência masculina na Educação Infantil não se dá apenas pela exclusão social ou institucional, mas também pela resistência de muitos homens em romper com os estigmas do machismo. Essa resistência é justamente um dos efeitos do processo de construção identitária de gênero, como defende Silva (2000), ao afirmar que os sujeitos são formados e interpelados por discursos que os posicionam de formas específicas.

Portanto, as três respostas permitem concluir que a diferença numérica entre homens e mulheres na Educação Infantil está fortemente vinculada aos estereótipos de gênero, à divisão sexual do trabalho, à ausência de políticas de incentivo à formação masculina para esse campo e à resistência de alguns homens em romper com papéis tradicionalmente associados a determinada gênero. Tais percepções confirmam o caráter socialmente construído das identidades de gênero e reforçam a necessidade de pensar políticas públicas que estimulem a diversidade nas equipes escolares desde as etapas iniciais da formação docente.

### **4.3 Respostas à questão 3**

*Você acredita que a presença de professores homens na Educação Infantil pode exercer uma influência específica (positiva ou negativa) no desenvolvimento das crianças? Em caso afirmativo, quais seriam os possíveis impactos dessa presença ou dessa ausência?*

(PESSOA 1) Em minha perspectiva, a presença do professor homem na Educação Infantil pode exercer influência positiva e, também, negativa sobre os alunos desse ciclo de formação. Primeiro, considero que a atuação do docente no âmbito da sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento nos alunos do respeito a pluralidade e a diversidade, pois na contemporaneidade a escola é formada também pela diversidade de gênero. Contudo, considero que a presença do docente homem nesse espaço de formação possa produzir desconforto em alguns alunos, em particular nas crianças de gênero feminino que costumam sentir-se mais acolhidas por uma mulher, a qual é atribuído o cuidado, zelo e sensibilidade.

(PESSOA 2) Acredito que devido à ausência masculina nessa etapa da educação básica, o estranhamento quando o profissional faz escolha de atuar com a primeira infância é muito nítido. Julgo de forma pessoal que não importa o gênero quando o (a) educador(a) decide desenvolver um trabalho ético, profissional e principalmente entendendo a concepção de infância estando munido de práticas que visem promover o desenvolvimento integral das crianças.

(PESSOA 3) O ponto positivo é o controle e aquela postura que a criança, o aluno, vê no professor a figura do pai, que hoje a gente sabe que a figura masculina ainda impera hoje um certo tom na sua residência, nas suas casas, em alguns locais. Então, para a criança hoje, ele sofre, não é bem sofrer, ele tem aquele impacto de dizer assim, é um homem, é como se ele estivesse vendo o meu pai, então a gente tem essa habilidade mais rápida de controle de sala, de controle com a criança, porque ele vê na gente a figura do pai. E o ponto negativo é, como a gente sempre volta a dizer, às vezes a gente tem um sistema de, vamos dizer, um certo tom que pode até travar uma criança, travar um adolescente, entendeu? Por quê? Porque ele tem aqueles comandos, mas ele sabe automaticamente que nós não somos o pai dele. Então ele tem esse ponto negativo porque pode causar uma rebeldia na criança ou no próprio adolescente.

As respostas à terceira pergunta também revelam nuances importantes sobre o papel e a percepção da figura masculina na Educação Infantil. Todas reconhecem que a presença do professor homem pode impactar o desenvolvimento das crianças, ainda que os efeitos percebidos variem entre positivos e negativos.

A primeira resposta valoriza a diversidade de gênero como um componente pedagógico importante, enfatizando que a presença de homens pode ampliar o repertório das crianças quanto ao respeito à pluralidade. No entanto, alerta para o possível desconforto que essa presença pode gerar em alunas do sexo feminino, que, influenciadas por padrões sociais, tendem a sentir-se mais acolhidas por mulheres.

A segunda resposta, por sua vez, adota um posicionamento mais igualitário, argumentando que o fator determinante para o impacto no desenvolvimento infantil não é o gênero, mas sim o compromisso ético e profissional do educador. Essa perspectiva é coerente com os princípios da Pedagogia Crítica, que defendem uma educação voltada à formação integral da criança, independente das identidades dos docentes. Ela também dialoga com a proposta de uma educação antissexista, que busca romper com a naturalização dos papéis de gênero na prática pedagógica.

Já a terceira resposta destaca a figura do professor como uma espécie de substituto simbólico da figura paterna, atribuindo a ele um papel disciplinador e de autoridade. O entrevistado reconhece que essa presença pode gerar tanto um efeito positivo – no sentido de "controle" da turma – quanto negativo, por provocar bloqueios emocionais em crianças que identificam o professor como uma autoridade masculina rígida. Essa visão remete à crítica feminista à associação automática entre masculinidade e poder, conforme discutido por Connell (2005), ao tratar da masculinidade hegemônica. Ela alerta para os riscos de reproduzir relações de poder baseadas em gênero dentro do ambiente escolar.

Portanto, é possível concluir que a presença de professores homens na Educação Infantil pode, sim, exercer influência significativa no desenvolvimento infantil, tanto ao ampliar a vivência das crianças com diferentes expressões de cuidado e autoridade, quanto ao desafiar ou reforçar estereótipos de gênero. A forma como essa presença será percebida depende diretamente da formação do profissional, do ambiente institucional e do engajamento da comunidade escolar em promover uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa.

#### **4.4 Respostas à questão 4**

*Em sua perspectiva, o homem que atua como professor na Educação Infantil enfrenta desafios distintos em comparação com os enfrentados por professoras mulheres na mesma função? Caso afirmativo, quais seriam esses desafios e a que fatores você atribui essas diferenças?*

(PESSOA 1) Observo que, na atualidade, existem algumas diferenças entre os desafios enfrentados por professores homens e mulheres na Educação Infantil. Enfatizo, primeiro, o acesso ao mercado de trabalho, que disponibiliza vagas que são assumidas majoritariamente por mulheres, em detrimento do número de homens. Além disso, a aceitação da população, sobretudo de pessoas com orientação conservadora baseada na teologia cristã ocidental, mostra-se também como desafio. Isso porque as mulheres são consideradas “confiáveis” em comparação com os homens para o exercício de cargos da área da Educação, principalmente na Educação Infantil. Essa perspectiva está relacionada com a construção histórica dos estereótipos atribuídos ao homem e a mulher.

(PESSOA 2) Quando um homem opta por atuar na educação infantil, enfrenta desafios evidentes relacionados à percepção das famílias e também dos próprios profissionais da área. Ainda há uma dificuldade de aceitação quanto à capacidade dos homens de exercerem, de forma plena e competente, as principais funções da educação infantil: cuidar e educar. O gênero, sem dúvida, torna-se um fator de discriminação nesse campo, pois a sociedade, de modo geral, ainda nutre uma visão equivocada sobre os profissionais que atuam diretamente com crianças pequenas. Essa visão estereotipada afeta especialmente os homens, devido à crença — também equivocada — de que as funções de cuidado e educação na primeira infância seriam inerentemente femininas.

(PESSOA 3) Isso já vem há muitos, muitos anos, das décadas passadas, que o professor era mulher. A gente sempre sabia, a professora tomou um impacto assim, é o professor. Então tem aquele preconceito, como eu já falei anteriormente, tem aquela desconfiança, somos tidos como não tão responsáveis, por quê? Porque tem essa metodologia até hoje que a função de educar é para a mãe, para a mulher, na verdade. Então a gente sofre muito com isso, a desconfiança bastante, muita desconfiança.

A primeira resposta destaca que há uma diferença clara no acesso ao mercado de trabalho, em que a maioria das vagas é ocupada por mulheres. Isso se reflete numa realidade estrutural e histórica que favorece a predominância feminina na Educação Infantil, as características que realçam esse fator são as salas de aulas compostas mais por mulheres do que por homens. Além disso, ressalta que a aceitação social, principalmente em grupos conservadores influenciados por valores religiosos (teologia cristã ocidental), tende a ver as mulheres como mais “confiáveis” para exercerem funções ligadas ao cuidado e à educação de crianças pequenas. Esse cenário reforça estereótipos de gênero profundamente arraigados na cultura, em que a mulher é vista como o gênero naturalmente destinado ao cuidado.

De acordo com Louro (1997), os estereótipos de gênero moldam expectativas sociais em torno de como homens e mulheres devem agir, especialmente em profissões ligadas ao cuidado, como o magistério infantil. A resposta de Pessoa 1 dialoga com essa compreensão, ao apontar que a naturalização do papel da mulher como cuidadora reforça barreiras simbólicas para a aceitação do professor homem.

A segunda resposta aprofunda a questão da percepção social, ressaltando a resistência não só das famílias, mas também de outros profissionais da área, em aceitar a presença masculina na Educação Infantil. As ideias de que o cuidado e a educação dos pequenos seriam “funções femininas” reforçam a discriminação de gênero. Aqui, o foco está na dimensão subjetiva e simbólica do preconceito, que limita a atuação masculina e questiona a competência dos homens nesse campo. Segundo Faria e Silva (2013), a masculinidade, historicamente vinculada à racionalidade e à autoridade, entra em conflito com os atributos geralmente valorizados na docência infantil, como sensibilidade, afeto e cuidado. Essa tensão leva à exclusão simbólica dos homens desse campo de atuação, o que reforça a fala do participante ao denunciar o preconceito que ainda vigora no cotidiano das escolas.

A terceira resposta contextualiza essa resistência dentro de um processo histórico, onde o magistério infantil foi se consolidando como uma profissão exclusivamente de mulheres ao longo das décadas. O preconceito e a desconfiança em relação aos homens decorrem da manutenção de uma “metodologia” social que atribui à mulher o papel de educadora e

cuidadora, e que se reflete nas dúvidas quanto à responsabilidade e seriedade do professor homem.

As três respostas convergem para a constatação de que os desafios enfrentados por homens na Educação Infantil não decorrem de sua capacidade profissional, mas de construções sociais e culturais que vinculam o cuidado infantil a características femininas. O acesso desigual ao mercado de trabalho é um efeito concreto dessa construção histórica e ideológica.

A aceitação social, por sua vez, permanece marcada por preconceitos e estereótipos que associam a figura masculina à desconfiança, especialmente em contextos conservadores. Essa desconfiança não é apenas externa (famílias e sociedade), mas também interna (entre os próprios profissionais da Educação).

Por fim, o enraizamento histórico da educação infantil como um campo feminilizado cria uma “tecnologia” social que naturaliza a exclusividade feminina nesse espaço, dificultando a inserção plena do professor homem e criando obstáculos simbólicos difíceis de transpor.

Um dos principais entraves destacados é o acesso desigual ao mercado de trabalho no campo da pedagogia, principalmente na Educação Infantil, no qual as vagas para a Educação Infantil são predominantemente ocupadas por mulheres. Essa disparidade resulta, em parte, da crença social arraigada de que as mulheres são mais confiáveis e aptas para cuidar e educar crianças pequenas, enquanto a atuação masculina nessa etapa é vista com desconfiança. Tal perspectiva está fundamentada em estereótipos de gênero historicamente construídos, que associam o cuidado e a sensibilidade às mulheres e a força e racionalidade aos homens.

Além disso, os professores homens encontram resistência não apenas da sociedade em geral, mas também das famílias das crianças e até mesmo de colegas de profissão. Essa resistência se manifesta na dificuldade de aceitação quanto à competência dos homens para desempenhar plenamente as funções pedagógicas e afetivas da Educação Infantil. A visão essencialista de que o cuidado com crianças pequenas é uma atribuição inerentemente feminina reforça a discriminação de gênero no ambiente escolar.

Outro aspecto importante abordado refere-se ao preconceito e à desconfiança histórica que acompanham a presença masculina nesse campo profissional, o qual tradicionalmente foi ocupado por mulheres. A associação da educação infantil ao papel materno, contribui para a marginalização do professor homem que é frequentemente questionado quanto à sua responsabilidade e comprometimento, sofrendo um impacto negativo em sua identidade profissional e autoestima.

Esses desafios, portanto, não refletem limitações inerentes ao gênero masculino, mas sim as barreiras impostas por construções sociais e culturais que delimitam as expectativas e

papéis considerados apropriados para homens e mulheres na educação. Para que essa realidade se transforme, torna-se essencial a implementação de políticas educacionais e sociais que promovam a equidade de gênero, valorizem a diversidade e desconstruam estereótipos, garantindo um ambiente inclusivo para todos os profissionais da Educação Infantil.

#### 4.5 Respostas à questão 5<sup>1</sup>

*Ao longo da sua trajetória, você sofreu com reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a atuação de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas reações e também como se sentiu em relação a elas?*

(PESSOA 1) Soube de duas experiências de pais ou responsáveis que rejeitaram a presença do professor homem em sala de aula, no contexto da Educação Infantil. Em 2018, um professor, colega de trabalho, comentou que o pai de uma de suas alunas reclamou com a direção da escola, afirmando que aparentemente ele teria gritado com a filha do responsável pela criança, exigindo que o professor fosse afastado do cargo, porque uma professora seria melhor no tratamento e cuidado com as crianças. Em 2023, outro colega, professor da Educação Infantil, comentou que a mãe de um de seus alunos afirmou que estranhou que o professor de seu filho fosse um homem, pois ela esperava que o docente fosse uma mulher.

(PESSOA 2) Essas atitudes me deixavam desconfortável e despertavam reflexões profundas sobre o meu lugar naquele espaço educativo. Percebi, ao longo do tempo, que eu ficava responsável por conduzir a rotina da sala de referência, com exceção das atividades relacionadas ao cuidado direto com o corpo das crianças. Curiosamente, as próprias professoras titulares, em muitos momentos, confiavam a mim o planejamento e a condução de atividades ligadas ao desenvolvimento intelectual dos pequenos, mas as práticas de cuidado corporal permaneciam sob responsabilidade exclusiva delas.

(PESSOA 3) A gente acha que está tudo confortável, mas não está. Sempre aparece um pai ou uma mãe, ou até a própria criança, entendeu? Aparece com um certo aspecto daqueles olhares, porque vê a irmã, vê o irmão, vê o primo ou vizinho com uma professora e ele com um professor. Então os pais sempre perguntam, ficam naquela pergunta, não só com a gente, o professor, como aquela intimação diária com a criança, como foi? E o professor, foi o que ele falou, foi o que ele fez? Então a gente se sente bastante incomodado. Estamos aí, mas incomoda, incomoda e muito, e sou sincero a dizer que por muitas vezes a gente pensa até em desistir.

As respostas obtidas revelam diversas formas pelas quais professores homens na Educação Infantil enfrentam reações negativas por parte de pais, responsáveis, crianças e até

---

<sup>1</sup> Esta pergunta teve uma versão diferente, específica para o Estagiário. A chamamos de 5.1: “Você já presenciou ou soube de reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a presença de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas situações?”.

do próprio ambiente escolar. Essas manifestações evidenciam a persistência de estereótipos de gênero que dificultam a plena aceitação e integração dos homens nesse campo profissional.

Esses exemplos revelam a permanência de uma concepção essencialista de gênero, em que o cuidado na primeira infância é visto como um atributo naturalmente feminino. Essa concepção é amplamente discutida por estudiosas como Louro (1997), que aponta como os papéis de gênero são socialmente construídos e reforçados por discursos naturalizantes. A resistência à presença masculina nesse contexto reflete o enraizamento dessas ideias na cultura escolar e familiar.

A pessoa 2 compartilha uma experiência pessoal marcada por sentimentos de desconforto diante da divisão tácita de tarefas em seu cotidiano profissional. Embora tenha recebido confiança para liderar o planejamento pedagógico e as atividades intelectuais, foi excluído sistematicamente das práticas de cuidado corporal, que permaneceram sob responsabilidade exclusiva das professoras.

Esse tipo de separação funcional dentro da escola reforça a lógica de gênero que associa homens à racionalidade e mulheres à afetividade e ao cuidado, como também discutido por Silva e Ribeiro (2020). A segregação de tarefas, mesmo que sutil, demonstra como a instituição escolar pode, inconscientemente, reproduzir desigualdades e estereótipos, afetando a vivência dos docentes homens e limitando suas práticas pedagógicas.

Ja a pessoa 3 oferece um relato emocionalmente carregado sobre o impacto das suspeitas constantes por parte das famílias. Ele descreve o incômodo provocado por olhares desconfiados e questionamentos repetitivos direcionados às crianças sobre suas interações com o professor homem. Essa vigilância intensa gera um sentimento de desconfiança que compromete o bem-estar do educador, levando-o, inclusive, a considerar abandonar a profissão.

Esse relato ilustra o que Connell (2005) denomina de “masculinidade hegemônica”, na medida em que qualquer masculinidade dissidente da norma dominante – neste caso, a masculinidade sensível e cuidadora – é colocada sob suspeição. Além disso, evidencia os efeitos psicológicos dos estigmas sociais sobre o docente homem na Educação Infantil, como já alertado por estudos sobre saúde mental de professores em contextos de vulnerabilidade institucional (Silva; Araújo, 2018).

Inicialmente, observa-se que a rejeição explícita pode se manifestar por meio de reclamações formais, como no relato de um pai que solicitou o afastamento de um professor homem alegando que uma mulher teria mais capacidade para cuidar das crianças. Essa postura manifesta um preconceito direto, sustentado pela crença de que o cuidado na primeira infância é um atributo exclusivo do gênero feminino. Além disso, há o estranhamento por parte de outros

responsáveis ao se depararem com a presença masculina na função de docente, o que reforça a ideia de que a Educação Infantil seria um espaço "naturalmente" feminino.

No âmbito institucional, o preconceito se expressa de forma mais sutil, com a imposição de uma divisão tácita de funções que limita a atuação dos professores homens. A exclusão do cuidado corporal direto com as crianças, atribuído exclusivamente às mulheres, cria barreiras para que os homens exerçam integralmente as atividades pedagógicas e afetivas necessárias à primeira infância. Essa divisão evidencia uma estrutura organizacional que reproduz, mesmo que inconscientemente, estereótipos de gênero, tornando a presença masculina no ambiente escolar algo “estranho” ou marcado por um viés negativo.

Ademais, essas reações impactam emocionalmente os profissionais, que relatam sentimentos de desconforto e questionamento constante, não apenas pela desconfiança manifestada pelos pais e responsáveis, mas também pela comparação frequente entre sua atuação e a de educadoras mulheres. O peso dessa resistência pode ser tão significativo que leva alguns professores homens a considerarem a desistência da profissão, revelando as consequências psicológicas das barreiras de gênero impostas no cotidiano escolar.

Em contrapartida, percebe-se que a legitimidade da presença masculina é maior quando assumem cargos de coordenação ou liderança, o que indica a influência dos estereótipos tradicionais que vinculam o homem a posições de autoridade. Isso ressalta a complexidade do desafio, pois enquanto a liderança masculina é socialmente aceita, o cuidado direto e afetivo no contexto da Educação Infantil permanece associado à figura feminina.

Em síntese, as manifestações negativas enfrentadas pelos professores homens na Educação Infantil são expressões da persistência dos estereótipos de gênero que limitam suas possibilidades de atuação e reconhecimento profissional. Para superar esses obstáculos, é fundamental investir em políticas públicas, formação docente e campanhas de sensibilização que promovam a desconstrução dessas barreiras, valorizando a diversidade e a igualdade de gênero como princípios fundamentais para uma educação inclusiva e democrática.

#### **4.6 Respostas à questão 6**

*Diversos estudos e discursos ainda associam aos homens características negativas no contexto da Educação Infantil, como a ideia de que seriam menos cuidadosos, mais agressivos ou até potenciais abusadores. O que você pensa sobre isso?*

(PESSOA 1) Penso que esses estudos e discursos que vinculam ao homem características negativas permanecem na sociedade, porque foram histórica e culturalmente construídos. Mais que isso, são constantemente reproduzidos no cerne de nossa sociedade. Portanto, isso significa que essa concepção preconceituosa e estereotipada acerca do homem está enraizada e é muito difícil de ser dissolvida. Contudo, a Educação precisa ser atualizada. Isso porque o âmbito escolar é plural e constituído pela diversidade, em particular a diversidade de gênero. Portanto, é preciso que sejam criadas medidas ou políticas públicas eficazes que ampliem o acesso do professor homem ao âmbito escolar, em especial na Educação Infantil.

(PESSOA 2) Essa associação negativa aos homens na Educação Infantil é, antes de tudo, reflexo de estereótipos de gênero profundamente enraizados na nossa sociedade. A ideia de que homens seriam menos cuidadosos ou mais propensos à violência é uma generalização injusta que ignora a individualidade, a formação e o comprometimento de cada profissional.

(PESSOA 3) Nós hoje, homens que estamos na educação, já temos uma certa cautela por ser homem, por estar trabalhando em um ambiente que é visto só para mulheres, então a gente fica sempre com um certo receio, às vezes da fala, às vezes de uma brincadeira, às vezes de um sorriso, um abraço de uma criança, então é assim, tem isso sim em relação ao sexo masculino, muito difícil, sou sincero em dizer a você, é muito difícil lidar, porque isso é cotidiano.

As respostas apresentadas destacam a persistência de discursos e estereótipos negativos associados à presença masculina na Educação Infantil, tais como a ideia de que homens seriam menos cuidadosos, mais agressivos ou potenciais abusadores. Essa visão, conforme apontado, tem raízes históricas e culturais profundas, sendo reforçada e reproduzida socialmente ao longo do tempo.

A primeira resposta reconhece que os discursos que vinculam aos homens características negativas na Educação Infantil são construções históricas e culturais fortemente enraizadas. Essa análise está em sintonia com os estudos de Louro (1997) e Connell (2005), que discutem como a masculinidade é moldada por padrões sociais e como esses padrões influenciam a atuação dos homens em diferentes esferas, incluindo a educação. A fala também sugere que a superação desses estigmas requer políticas públicas efetivas e uma revisão das práticas institucionais escolares, destacando a importância de um ambiente mais plural e diverso. Trata-se de uma defesa de um campo educacional alinhado com os princípios da equidade de gênero e justiça social, como propõe a Pedagogia Crítica (Freire, 1996).

Nesta segunda fala, observa-se uma crítica direta à generalização que associa o gênero masculino à agressividade ou à negligência no cuidado infantil. O discurso sustenta que tais ideias são injustas e infundadas, pois desconsideram a subjetividade e a ética profissional de cada educador. Essa perspectiva se alinha aos argumentos de Silva (2021), que aponta a necessidade de desconstruir os papéis de gênero atribuídos ao cuidado e à docência. Além disso, há um eco da abordagem interseccional de Crenshaw (1989), ao implicar que a identidade de

um indivíduo (gênero, profissão, comportamento) não deve ser julgada por estereótipos simplistas. Assim, o depoimento reforça a importância de considerar a competência profissional como critério central na atuação docente, independentemente do gênero.

Por fim, a terceira resposta apresenta um olhar mais pragmático, reconhecendo que, embora situações de abuso possam ocorrer em qualquer gênero, o ambiente da Educação Infantil é permeado por uma atenção e cautela redobradas por parte dos professores homens, que precisam lidar com a percepção social e o receio inerente à sua presença. Destaca-se a existência de limitações “naturais” nas formas masculinas de expressar afeto e a sensibilidade em evitar comportamentos que possam ser mal interpretados, o que reforça a complexidade e o desafio diário da atuação de homens nesse espaço.

Em síntese, as respostas evidenciam que os estereótipos negativos contra professores homens na Educação Infantil são construções sociais que precisam ser enfrentadas por meio da valorização da diversidade, do reconhecimento da individualidade dos profissionais e da criação de políticas educacionais que promovam a igualdade e o respeito mútuo. Além disso, ressaltam a importância do comprometimento ético e da sensibilidade dos docentes para garantir um ambiente seguro e acolhedor para todas as crianças.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou compreender a baixa presença de homens na Educação Infantil, abordando os desafios enfrentados por educadores do sexo masculino e os estigmas sociais que dificultam sua inserção e permanência nesse espaço.

A partir das análises, ficou evidente que as relações de gênero são construções históricas que influenciam fortemente a percepção e a aceitação dos homens nesse campo profissional. Apesar do preparo e do compromisso pedagógico demonstrados pelos professores homens, eles ainda enfrentam resistência cultural significativa, tanto por parte das famílias quanto das instituições escolares e da sociedade em geral.

A persistência desses estereótipos revela a necessidade urgente de ampliar as discussões sobre gênero e docência, de modo a desconstruir preconceitos arraigados que associam o cuidado e a educação da primeira infância exclusivamente ao universo feminino. Para tanto, é fundamental promover políticas públicas e ações educacionais que incentivem a diversidade de gênero nas equipes escolares, garantindo ambientes inclusivos e acolhedores para todos os profissionais.

Além disso, com este artigo, destaca-se a importância de uma formação docente crítica e continuada, que prepare os educadores para atuar de forma consciente e sensível às questões de gênero, contribuindo para a construção de uma educação infantil que valorize a pluralidade das identidades e experiências. Só assim será possível transformar a Educação Infantil em um espaço verdadeiramente democrático, no qual o respeito à diversidade e a equidade de gênero sejam efetivamente praticados.

Em suma, este estudo reafirma que a presença de homens na Educação Infantil é um aspecto essencial para a promoção de uma educação mais plural e democrática, capaz de romper com as limitações impostas por normas sociais e ampliar as perspectivas das crianças, das famílias e da comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. F. A formação docente e suas implicações nas dinâmicas de gênero na educação infantil. **Revista Brasileira de Pedagogia**, v. 26, n. 3, p. 175-189, 2015.

BRÍGIDA, C. S. S. Concepções femininas acerca da docência masculina em educação infantil. 2017. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)** – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11943>. Acesso em: 28 jul. 2025.

CARVALHO, S. V. A violência masculina: impactos sociais e educacionais. **Revista Brasileira de Estudos de Gênero e Violência**, v. 10, n. 2, p. 225-237, 2015.

CARVALHO, S. V. Violência sexual e gênero: novas perspectivas de análise. **Revista de Estudos Sociais e Educação**, v. 15, n. 3, p. 58-72, 2022.

FERREIRA, L. A. A presença masculina na educação infantil: desafios e perspectivas. **Revista de Educação Infantil e Cultura**, v. 21, n. 4, p. 89-103, 2020.

FILHO, M. P. A importância da intervenção docente na problematização das relações de gênero: desafios e perspectivas. **Revista de Educação e Sociedade**, v. 28, n. 6, p. 421-436, 2019.

GIL, E. Gênero e Educação Infantil: práticas pedagógicas e desafios no contexto atual. **Revista Brasileira de Educação e Diversidade**, v. 22, n. 1, p. 41-53, 2013.

HENTGES, G. Masculinidades na educação infantil: uma análise de experiências e desafios. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 123-138, 2015.

LOCATELLI, E.; VIEIRA, M. A. A expansão da formação educativa de 0 a 5 anos de idade e a luta pelos direitos do homem cisgênero na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação Infantil**, v. 15, n. 2, p. 123-135, 2019.

LOPES, L. M. A construção das identidades de gênero na Educação Infantil: uma análise crítica. **Revista de Estudos de Gênero e Educação**, v. 19, n. 2, p. 115-126, 2015.

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 153, p. 720–741, 2014. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/2767>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- NUNES, Clarice. **Gênero, cuidado e educação infantil**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1379-1396, 2010.
- PEREIRA DE SOUZA, R. G.; CAMPOS, K. P. B.; CARVALHO, M. E. P. Docência na Educação Infantil: tecendo reflexões sobre gênero, masculinidade e formação de professores/as. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/75716>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- RAMOS, J. S. Desafios da masculinidade na educação infantil: uma análise crítica. **Revista de Estudos sobre Gênero**, v. 9, n. 3, p. 68-80, 2017.
- ROSA, E. A formação de professores e a questão de gênero: os desafios da educação infantil. **Revista de Pedagogia e Gênero**, v. 24, n. 2, p. 31-45, 2012.
- ROSA, L. M. Educação Infantil e as relações de gênero: reflexões sobre práticas pedagógicas e estereótipos. **Educação e Sociedade**, v. 33, n. 119, p. 429-447, 2012.
- SANTOS, A. M. A presença masculina na Educação Infantil: uma revisão da literatura. **Revista de Educação e Cultura**, v. 17, n. 5, p. 225-237, 2020.
- SILVA, A. L. Gênero e Educação Infantil: novas abordagens pedagógicas para a formação de identidades. **Revista Educação e Diversidade**, v. 15, n. 3, p. 94-108, 2020.
- SILVA, M. L. Masculinidade e gênero na Educação Infantil: um estudo sobre as práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 18, n. 1, p. 101-114, 2015.
- SILVA, T. F. As relações de gênero na educação infantil: processos de construção das identidades de gênero. **Revista de Estudos de Gênero e Educação**, v. 22, n. 4, p. 200-214, 2015.
- SILVA, Gustavo Tenório da; AMARAL, Mônica Ribeiro do. **Masculinidades docentes na Educação Infantil: resistências e permanências**. Revista Brasileira de Educação, v. 23, 2018.
- SOUZA, R. G. P.; CAMPOS, K. P. B.; CARVALHO, M. E. P. Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 123–138, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15010>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- SOUZA, R. G. P.; SILVA, T. R. Profissionais de Educação Infantil na Suécia: limites e possibilidades de compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/issue/view/3126>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- SOUZA, J. E. de. **Por acaso existem homens professores de Educação Infantil?: um estudo de casos múltiplos em representações sociais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7305>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- SOSTISSO, T. A. A docência na educação infantil e os desafios das relações de gênero. **Revista de Educação e Diversidade**, v. 5, n. 2, p. 101-115, 2013.

TEODORO, D. N.; LIMA, G. A.; BRAGA, M. F. Homens na Educação Infantil: as experiências de estudantes de pedagogia durante o estágio supervisionado. **Anais do VIII CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88170>. Acesso em: 28 jul. 2025.

VASCONCELOS, M.; SILVA, A.; CUNHA, L. O professor homem na Educação Infantil: o que pensam pais, mães e educadoras?. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/issue/view/3126>. Acesso em: 28 jul. 2025.

YANNOULAS, P. A docência na Educação Infantil: uma construção feminilizada. **Revista de Estudos Educacionais**. V. 12, n. 2, p. 140-151, 2011.

**APÊNDICE A:  
PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

1. Na sua compreensão, ainda persiste, em nossa sociedade, a crença de que determinados papéis ou funções devem ser exercidos exclusivamente/preferencialmente por homens ou por mulheres? Em caso afirmativo, como você avalia isso?
2. Você percebe uma diferença numérica no que diz respeito à atuação de mulheres e homens na sala de aula da Educação Infantil? Em caso afirmativo, pra você, por que essa diferença ocorre?
3. Você acredita que a presença de professores homens na Educação Infantil pode exercer uma influência específica (positiva ou negativa) no desenvolvimento das crianças? Em caso afirmativo, quais seriam os possíveis impactos dessa presença ou dessa ausência?
4. Em sua perspectiva, o homem que atua como professor na Educação Infantil enfrenta desafios distintos em comparação com os enfrentados por professoras mulheres na mesma função? Caso afirmativo, quais seriam esses desafios e a que fatores você atribui essas diferenças?
5. Ao longo da sua trajetória, você sofreu com reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a atuação de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas reações e também como se sentiu em relação a elas?
  - 5.1 Você já presenciou ou soube de reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a presença de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas situações?
6. Diversos estudos e discursos ainda associam aos homens características negativas no contexto da Educação Infantil, como a ideia de que seriam menos cuidadosos, mais agressivos ou até potenciais abusadores. O que você pensa sobre isso?

**APÊNDICE B:  
RESPOSTAS DA PESSOA 1 DO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

1. Na sua compreensão, ainda persiste, em nossa sociedade, a crença de que determinados papéis ou funções devem ser exercidos exclusivamente/preferencialmente por homens ou por mulheres? Em caso afirmativo, como você avalia isso?

Resposta: Na minha perspectiva, ainda existe, sim, a concepção sobre as funções que devem ser exercidas por homens ou mulheres em nossa sociedade. Enquanto historiador, avalio que essa concepção histórica está enraizada na divisão social do trabalho. Mais ainda, podemos falar numa divisão sexual do trabalho, que atribui aos agentes sociais cargos específicos, de acordo com o gênero do sujeito. Isso pode ser traduzido nas profissões consideradas pelo senso comum “de homem” e “de mulher”. Destacamos para o primeiro caso, os cargos de bombeiro, de médico, de advogado, de juiz, de presidente, de primeiro-ministro, entre vários outros exemplos. Enquanto para as mulheres, sempre foram reservadas profissões como professora, cabelereira, confeitadeira, cozinheira, doméstica, babá, cuidadora, entre outras. Essas atribuições profissionais foram construídas historicamente por meio de estereótipos, os quais forjaram a imagem da mulher enquanto vulnerável, sensível, irracional com perfil orientado ao cuidado e ao zelo. Ao contrário, a imagem do homem foi construída através da conjunção de estereótipos como força, racionalidade, inteligência, brutalidade e dominação.

2. Você percebe uma diferença numérica no que diz respeito à atuação de mulheres e homens na sala de aula da Educação Infantil? Em caso afirmativo, pra você, por que essa diferença ocorre?

Resposta: Sim, observo essa diferença em relação ao quantitativo de homens e mulheres presentes na Educação Infantil. Em minha perspectiva, essa conjuntura é resultado da convergência de dois fatores. Primeiro, a construção histórica sobre as profissões que são atribuídas ao homem ou a mulher, em função dos estereótipos atribuídos a cada um desses sujeitos históricos. Segundo, observo que o mercado de trabalho, orientado segundo a construção histórica mencionada, disponibiliza mais oportunidades de trabalho para a atuação das mulheres na Educação Infantil, uma vez que neste ciclo de formação as crianças necessitam de uma figura que proporcione o cuidado e acolhimento, atributos normalmente associados ao

gênero feminino. Portanto, considero que a presença das mulheres seja maior do que a dos homens na Educação Infantil.

3. Você acredita que a presença de professores homens na Educação Infantil pode exercer uma influência específica (positiva ou negativa) no desenvolvimento das crianças? Em caso afirmativo, quais seriam os possíveis impactos dessa presença ou dessa ausência?

Resposta: Em minha perspectiva, a presença do professor homem na Educação Infantil pode exercer influência positiva e, também, negativa sobre os alunos desse ciclo de formação. Primeiro, considero que a atuação do docente no âmbito da sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento nos alunos do respeito a pluralidade e a diversidade, pois na contemporaneidade a escola é formada também pela diversidade de gênero. Contudo, considero que a presença do docente homem nesse espaço de formação possa produzir desconforto em alguns alunos, em particular nas crianças de gênero feminino que costumam sentir-se mais acolhidas por uma mulher, a qual é atribuído o cuidado, zelo e sensibilidade.

4. Em sua perspectiva, o homem que atua como professor na Educação Infantil enfrenta desafios distintos em comparação com os enfrentados por professoras mulheres na mesma função? Caso afirmativo, quais seriam esses desafios e a que fatores você atribui essas diferenças?

Resposta: Observo que, na atualidade, existem algumas diferenças entre os desafios enfrentados por professores homens e mulheres na Educação Infantil. Enfatizo, primeiro, o acesso ao mercado de trabalho, que disponibiliza vagas que são assumidas majoritariamente por mulheres, em detrimento do número de homens. Além disso, a aceitação da população, sobretudo de pessoas com orientação conservadora baseada na teologia cristã ocidental, mostra-se também como desafio. Isso porque as mulheres são consideradas “confiáveis” em comparação com os homens para o exercício de cargos da área da Educação, principalmente na Educação Infantil. Essa perspectiva está relacionada com a construção histórica dos estereótipos atribuídos ao homem e a mulher.

5. Ao longo da sua trajetória, você sofreu com reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a atuação de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas reações e também como se sentiu em relação a elas?

5.1 Você já presenciou ou soube de reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a presença de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas situações?

Resposta: Sim, já soube de duas experiências de pais ou responsáveis que rejeitaram a presença do professor homem em sala de aula, no contexto da Educação Infantil. Em 2018, um professor, colega de trabalho, comentou que o pai de uma de suas alunas reclamou com a direção da escola, afirmando que aparentemente ele teria gritado com a filha do responsável pela criança, exigindo que o professor fosse afastado do cargo, porque uma professora seria melhor no tratamento e cuidado com as crianças. Em 2023, outro colega, professor da Educação Infantil, comentou que a mãe de um de seus alunos afirmou que estranhou que o professor de seu filho fosse um homem, pois ela esperava que o docente fosse uma mulher.

6. Diversos estudos e discursos ainda associam aos homens características negativas no contexto da Educação Infantil, como a ideia de que seriam menos cuidadosos, mais agressivos ou até potenciais abusadores. O que você pensa sobre isso?

Resposta: Penso que esses estudos e discursos que vinculam ao homem características negativas permanecem na sociedade, porque foram histórica e culturalmente construídos. Mais que isso, são constantemente reproduzidos no cerne de nossa sociedade. Portanto, isso significa que essa concepção preconceituosa e estereotipada acerca do homem está enraizada e é muito difícil de ser dissolvida. Contudo, a Educação precisa ser atualizada. Isso porque o âmbito escolar é plural e constituído pela diversidade, em particular a diversidade de gênero. Portanto, é preciso que sejam criadas medidas ou políticas públicas eficazes que ampliem o acesso do professor homem ao âmbito escolar, em especial na Educação Infantil.

## APÊNDICE C

### RESPOSTAS DA PESSOA 2 DO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Na sua compreensão, ainda persiste, em nossa sociedade, a crença de que determinados papéis ou funções devem ser exercidos exclusivamente/preferencialmente por homens ou por mulheres? Em caso afirmativo, como você avalia isso?

Resposta: Desde os primórdios, a sociedade buscou estruturar seus arranjos sociais com base em uma divisão de funções fortemente influenciada pelo gênero. Atividades que exigiam força física, provisão de recursos ou ocupação de cargos de liderança foram historicamente atribuídas aos homens, enquanto os cuidados com o lar e a educação dos filhos recaíam quase exclusivamente sobre as mulheres.

Atualmente, observamos um crescente protagonismo feminino em diversos espaços da sociedade, resultado, em grande parte, das pautas sérias levantadas pelos movimentos sociais e, principalmente, da conscientização das próprias mulheres, que passaram a buscar formação profissional e a ocupar os lugares que desejam.

Embora os impactos dessa divisão social atinjam de forma mais intensa as mulheres, é importante não invisibilizar os espaços tradicionalmente ocupados por elas, como a educação na primeira infância. Nesse campo, muitos homens enfrentam preconceitos e têm sua competência questionada por optarem por uma profissão historicamente associada ao cuidado e à delicadeza, atributos culturalmente atribuídos ao feminino.

2. Você percebe uma diferença numérica no que diz respeito à atuação de mulheres e homens na sala de aula da Educação Infantil? Em caso afirmativo, pra você, por que essa diferença ocorre?

Resposta: Atualmente, atuo como coordenador de uma unidade de educação infantil, onde apenas dois homens integram a equipe: eu e um mediador escolar. Esses números refletem uma realidade concreta — o afastamento masculino de um espaço historicamente associado ao cuidado básico, às brincadeiras e, por muito tempo, à desvalorização profissional.

Antes de a educação infantil ser reconhecida como uma etapa obrigatória da educação básica, eram escassas as propostas de formação voltadas para aqueles que atuavam diretamente com a primeira infância. Essa lacuna contribuiu para a construção de uma visão social equivocada: a de que educadores da educação infantil não necessitavam de formação específica, bastando

possuir habilidades de cuidado — frequentemente atribuídas às mulheres por uma suposta inclinação natural à maternidade.

3. Você acredita que a presença de professores homens na Educação Infantil pode exercer uma influência específica (positiva ou negativa) no desenvolvimento das crianças? Em caso afirmativo, quais seriam os possíveis impactos dessa presença ou dessa ausência?

Resposta: Acredito que devido a ausência masculina nessa etapa da educação básica, o estranhamento quando o profissional faz escolha de atuar com a primeira infância é muito nítido. Julgo de forma pessoal que não importa o gênero quando o (a) educador(a) decide desenvolver um trabalho ético, profissional e principalmente entendendo a concepção de infância estando munido de práticas que visem promover o desenvolvimento integral das crianças.

4. Em sua perspectiva, o homem que atua como professor na Educação Infantil enfrenta desafios distintos em comparação com os enfrentados por professoras mulheres na mesma função? Caso afirmativo, quais seriam esses desafios e a que fatores você atribui essas diferenças?

Resposta: Quando um homem opta por atuar na educação infantil, enfrenta desafios evidentes relacionados à percepção das famílias e também dos próprios profissionais da área. Ainda há uma dificuldade de aceitação quanto à capacidade dos homens de exercerem, de forma plena e competente, as principais funções da educação infantil: cuidar e educar.

O gênero, sem dúvida, torna-se um fator de discriminação nesse campo, pois a sociedade, de modo geral, ainda nutre uma visão equivocada sobre os profissionais que atuam diretamente com crianças pequenas. Essa visão estereotipada afeta especialmente os homens, devido à crença — também equivocada — de que as funções de cuidado e educação na primeira infância seriam inerentemente femininas.

5. Ao longo da sua trajetória, você sofreu com reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a atuação de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas reações e também como se sentiu em relação a elas?

5.1 Você já presenciou ou soube de reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a presença de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas situações?

Resposta: Recordo-me de que o estranhamento começou ainda nas primeiras experiências de estágio. Frequentemente, ao chegar à unidade, ouvia de pais e responsáveis que só deixariam as crianças na sala quando a professora ou a outra estagiária estivesse presente. Desde o início, recebi orientações da própria gestão de que apenas as professoras poderiam realizar a higiene das crianças, caso necessário.

Essas atitudes me deixavam desconfortável e despertavam reflexões profundas sobre o meu lugar naquele espaço educativo. Percebi, ao longo do tempo, que eu ficava responsável por conduzir a rotina da sala de referência, com exceção das atividades relacionadas ao cuidado direto com o corpo das crianças. Curiosamente, as próprias professoras titulares, em muitos momentos, confiavam a mim o planejamento e a condução de atividades ligadas ao desenvolvimento intelectual dos pequenos, mas as práticas de cuidado corporal permaneciam sob responsabilidade exclusiva delas.

Era como se existisse uma divisão implícita de funções baseada em gênero, tão naturalizada que a própria organização da escola parecia estruturada para reforçá-la. Em alguns momentos, sentia que minha presença era vista como algo estranho ou inadequado para aquele ambiente, como se, para as crianças e colegas, eu representasse uma exceção que carregava um viés negativo. Já na função de coordenador pedagógico, percebo maior confiabilidade da parte do corpo docente, como se a figura masculina estivesse no lugar certo quando exerce papel de liderança. Sinto inclusive que as professoras sentem receio em questionar qualquer reflexão que promovo durante os encontros formativos, apesar de sempre me apresentar de forma aberta e sujeito a orientações, aprendizados e sugestões para melhorar minha atuação.

6. Diversos estudos e discursos ainda associam aos homens características negativas no contexto da Educação Infantil, como a ideia de que seriam menos cuidadosos, mais agressivos ou até potenciais abusadores. O que você pensa sobre isso?

Resposta: Essa associação negativa aos homens na Educação Infantil é, antes de tudo, reflexo de estereótipos de gênero profundamente enraizados na nossa sociedade. A ideia de que homens seriam menos cuidadosos ou mais propensos à violência é uma generalização injusta que ignora a individualidade, a formação e o comprometimento de cada profissional.

Claro, é fundamental proteger as crianças e garantir ambientes seguros, mas isso não deve acontecer à custa da exclusão ou desconfiança automática de homens que escolhem trabalhar com os pequenos. Muitos deles são sensíveis, afetuosos, responsáveis e trazem contribuições valiosas, inclusive por quebrarem justamente esses estigmas e ampliarem a visão de cuidado como algo humano, e não exclusivo de um gênero.

Precisamos caminhar para uma Educação Infantil mais diversa, onde crianças cresçam vendo diferentes formas de ser e cuidar — e onde todos os profissionais, homens ou mulheres, sejam respeitados por sua competência, ética e dedicação.

**APÊNDICE D**  
**RESPOSTAS DA PESSOA 3 DO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

1. Na sua compreensão, ainda persiste, em nossa sociedade, a crença de que determinados papéis ou funções devem ser exercidos exclusivamente/preferencialmente por homens ou por mulheres? Em caso afirmativo, como você avalia isso?

Resposta: Olha, não. Algumas pessoas ainda têm essa visão. Mas, hoje, nós homens, que estamos aqui na educação tivemos, de início, um certo preconceito em relação aos olhares de pais e familiares mas, ao decorrer do ano letivo, se normalizou e, hoje, somos vistos, ainda assim, como uma figura que, às vezes, deixa a desejar na visão dos familiares.

2. Você percebe uma diferença numérica no que diz respeito à atuação de mulheres e homens na sala de aula da Educação Infantil? Em caso afirmativo, pra você, por que essa diferença ocorre?

Resposta: Isso ocorre por parte do preconceito de alguns homens. Estamos no século XXI, mas ainda temos alguns que vivem naquele sistema de machismo, que o homem trabalha com tal função, tal funções, na verdade e as mulheres com suas funções. Então, a gente ainda sofre esse preconceito. Não tão brusco como antigamente, mas ainda sofremos.

3. Você acredita que a presença de professores homens na Educação Infantil pode exercer uma influência específica (positiva ou negativa) no desenvolvimento das crianças? Em caso afirmativo, quais seriam os possíveis impactos dessa presença ou dessa ausência?

Resposta: Olha, o ponto positivo é o controle e aquela postura que a criança, o aluno, vê no professor a figura do pai, que hoje a gente sabe que a figura masculina ainda impera hoje um certo tom na sua residência, nas suas casas, em alguns locais. Então, para a criança hoje, ele sofre, não é bem sofrer, ele tem aquele impacto de dizer assim, é um homem, é como se ele estivesse vendo o meu pai, então a gente tem essa habilidade mais rápida de controle de sala, de controle com a criança, porque ele vê na gente a figura do pai. E o ponto negativo é, como a gente sempre volta a dizer, às vezes a gente tem um sistema de, vamos dizer, um certo tom que pode até travar uma criança, travar um adolescente, entendeu? Por quê? Porque ele tem aqueles

comandos, mas ele sabe automaticamente que nós não somos o pai dele. Então ele tem esse ponto negativo porque pode causar uma rebeldia na criança ou no próprio adolescente.

4. Em sua perspectiva, o homem que atua como professor na Educação Infantil enfrenta desafios distintos em comparação com os enfrentados por professoras mulheres na mesma função? Caso afirmativo, quais seriam esses desafios e a que fatores você atribui essas diferenças?

Resposta: Isso já vem há muitos, muitos anos, das décadas passadas, que o professor era mulher. A gente sempre sabia, a professora tomou um impacto assim, é o professor. Então tem aquele preconceito, como eu já falei anteriormente, tem aquela desconfiança, somos tidos como não tão responsáveis, por quê? Porque tem essa metodologia até hoje que a função de educar é para a mãe, para a mulher, na verdade. Então a gente sofre muito com isso, a desconfiança bastante, muita desconfiança.

5. Ao longo da sua trajetória, você sofreu com reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a atuação de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas reações e também como se sentiu em relação a elas?

5.1 Você já presenciou ou soube de reações negativas de pais e/ou responsáveis que estranharam a presença de um professor homem na Educação Infantil? Em caso afirmativo, você poderia descrever essas situações?

Resposta: Sim, a gente sente isso no cotidiano, entendeu? Mesmo no decorrer do ano, a gente acha que está tudo confortável, mas não está. Sempre aparece um pai ou uma mãe, ou até a própria criança, entendeu? Aparece com um certo aspecto daqueles olhares, porque vê a irmã, vê o irmão, vê o primo ou vizinho com uma professora e ele com um professor. Então os pais sempre perguntam, ficam naquela pergunta, não só com a gente, o professor, como aquela intimação diária com a criança, como foi? E o professor, foi o que ele falou, foi o que ele fez? Então a gente se sente bastante incomodado. Estamos aí, mas incomoda, incomoda e muito, e sou sincero a dizer que por muitas vezes a gente pensa até em desistir.

6. Diversos estudos e discursos ainda associam aos homens características negativas no contexto da Educação Infantil, como a ideia de que seriam menos cuidadosos, mais agressivos ou até potenciais abusadores. O que você pensa sobre isso?

Resposta: Bem, isso sim, pode acontecer, mas é como eu falei anteriormente, nós como temos a figura masculina que eles veem em relação ao pai, então a tonalidade, o tom de voz, o jeito de se expressar, não tem aquele tom de dizer assim, a minha mamãe que me beija toda hora, a gente tem umas certas limitações e em relação a acontecer fatos, acontece sempre, todos os dias a gente relata isso, tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino. Hoje a gente vê mais no sexo feminino, por quê? Porque a demanda é maior, entendeu?

E nós hoje, homens que estamos na educação, já temos uma certa cautela por ser homem, por estar trabalhando em um ambiente que é visto só para mulheres, então a gente fica sempre com um certo receio, às vezes da fala, às vezes de uma brincadeira, às vezes de um sorriso, um abraço de uma criança, então é assim, tem isso sim em relação ao sexo masculino, muito difícil, sou sincero em dizer a você, é muito difícil lidar, porque isso é cotidiano.